

Editorial

Prezados(as) leitores(as)

Em seguimento à publicação do número 1 de *INTRA, INTER E TRANS SUBJETIVIDADE*, e em consonância com o tema, gostaríamos de descrever neste Editorial o processo pelo qual o fluxo circulante de pensamentos entre diferentes espaços de subjetividade culmina na definição de um tema e em uma proposição de escrita para a comunidade psicanalítica, processo este em constante desenvolvimento no seio da comissão editorial. Inicialmente, a partir de experiências e inquietações clínicas, assim como da atenção dada aos múltiplos espaços de onde possa provir a vivência psíquica, é solicitado à comissão para que tragam livremente para o grupo ideias e interrogações, as quais são tratadas, dentro do exercício possível da *capacidade negativa*, como um *Squiggle game*. Assim, imagens ideicas são rabiscadas, elementos são acrescentados e proto-caminhos são iniciados, desviados ou aclarados, até um tema ou campo temático ir aos poucos aparecendo. Sua utilidade para o trabalho clínico do leitor da Revista é continuamente revisada, o que constitui um ponto essencial de nosso periódico. Desta forma, a comissão pretende ser uma caixa de ressonância do grupo sociopsicanalítico em que está inserida e, ao propor um tema dentre tantos, tem por objetivo estar o mais próximo possível do que vem a nós. Ao editor, além da participação no referido processo, cabe a continência de uma etapa dissociativa seguida de uma outra integrativa. Pensamos ainda que a composição do grupo e sua coordenação, por constituírem elementos qualificativos do processo – ao ressaltarem um vértice –, demandam uma circulação periódica de lugares com o objetivo de manter a devida insaturação. Neste caminho, como já referido no editorial anterior, a partir do próximo número, passará a ocupar o lugar de editor chefe a colega Ana Cristina Pandolfo. Tenho certeza de que, com sua sensibilidade, acurácia e liberdade, ela seguirá e ampliará o já frutífero caminho percorrido ao longo de 30 anos da Revista, assim como continuará aprimorando este instrumento de escuta do anseio de nossos leitores.

Em suas palavras: a realização deste editorial, em que a transição pode ser vivida de forma orgânica, constituindo o devir natural dos processos de transformação, tem a marca da intra, trans e intersubjetividade. Nossa compreensão e respeito pelo mundo interno individual, bem como a noção de que os processos culturais que nos atravessam precisam ser cada vez mais considerados, permite que emergja, justamente na intersubjetividade deste encontro, deste “entre mentes”, algo criativo. É assim que buscamos construir cada novo número da revista, e é

como sinto que a “passagem” de editoria tem sido feita: no “entre” dois editores que escrevem este editorial, de forma complementar – um lugar/encontro de inspiração e abertura.

Certamente não foram fáceis os últimos anos: afinal, vivemos a pandemia, com suas incertezas, perdas e ameaças, bem como tensões, polarizações e indefinições mundiais. Desta forma, fica aqui o meu agradecimento para Renato Lucas, por propiciar sempre uma essencial capacidade negativa, para a querida colega de coeditoria, Elena Tomasel, pelo entusiasmo e parceria, e para toda a Comissão Editorial, pela incansável busca por funcionar de forma integrada, como grupo de trabalho.

Acompanhar Renato Lucas como editora associada possibilitou-me aprender e apropriar-me gradativamente deste momento. Liberdade de pensar, expressão de ideias e de posições, respeito pelo diferente, pelo novo e, às vezes, pelo disruptivo necessário... isto tudo sem deixar de lado o rigor científico e a profundidade psicanalítica... um precipitado de ingredientes tão caros à tarefa de editoria, e que Renato e todos os editores anteriores nos deixam de legado. São trinta anos de construção sólida e de qualidade, os quais celebraremos em outubro em um evento científico, concebido para pensar a revista, suas perspectivas e desafios nos tempos atuais. Minha tarefa como nova editora chefe recebe como herança esta base e estrutura, que precisa ser mantida e cuidada, bem como, ao mesmo tempo, necessita seguir em busca de transformações, evoluções e expansões – tema do nosso próximo número, sobre Bion.

O número 2 da Revista que ora publicamos apresenta desenvolvimentos que buscam, além da ampliação conceitual temática, discutir aspectos mais diretamente relacionados à técnica psicanalítica.

Para iniciar, publicamos dois artigos que focalizam a inter e a trans subjetividade em termos socioinstitucionais. O artigo *A política carnavalesca de um corpo pandêmico*, de Shlomit Yadlin-Gadot, estuda a *manifestação carnavalesca*, tomada tanto como reação contra o Estado quanto como *um esforço para reapropriar-se de um senso corporal do Eu e do outro*, fruto de um processo trans subjetivo decorrente do efeito da ameaça à *identidade em termos da violação dos limites corporais, da interrupção dos contatos sociais e da indefinição do nosso pertencimento a grupos* trazidos pela pandemia da Covid-19. Ricardo G. Read, em *Cuidado defensivo: defesa social em instituições de saúde*, estuda a *Defesa Social*, um conceito psicanalítico para pensar as instituições humanas. Ressalta a possibilidade de conluio entre defesas individuais e *mecanismos inconscientes do grupo institucionalizado*, com o objetivo de contenção dos estados mentais primitivos.

Dando seguimento, rumamos para estudos de vértice mais clínico. Glenda Cryan, Marcela Pitone, Roberta Gorischnik e Angeles Aparain, em *Inter subjetividade: análise de relatos em uma sessão vincular de um adolescente e sua mãe*, realizam um amplo resgate do vínculo intersubjetivo. Consideram que ele abarca o intrassubjetivo, mas não o elimina, constituindo-se como *uma nova realidade psíquica que surge entre dois ou mais sujeitos* e que possibilita *a emergência de certos processos e fenômenos*. Assim, *um sujeito, sujeito-com-outros encontram-se na trama das redes sociais e vinculares em constante fluxo e transformação*, dando origem a *novas qualidades*. Desta forma, a intersubjetividade poderia se constituir na via régia para a análise do que surge em uma sessão clínica. Exemplificando esta concepção, um rico e detalhado material clínico de uma sessão vincular é apresentado. Mônica Poggia Leal e Rafael Werner Lopes, por sua vez, apresentam e discutem a concepção de *polifonia do sonho* de René Kaës. Embasada na teoria freudiana do sonho e na *polifonia do discurso* de Bakhtin – em que a *organização discursiva é sempre constituída a partir e através* do discurso do outro em uma interatividade que envolve a interiorização de discursos preexistentes e presentes em uma rede tensionada por diversas subjetividades – mostram que a referida concepção de Kaës, na qual se ressaltam aspectos inter e trans subjetivos, visa ampliar a teoria do sonho de Freud. A seguir, Maria da Graça Motta discute a inter-relação entre vivências traumáticas e fenômenos dissociativos em *Fragmentação de identidade: muitos para tentar ser um*. O estudo apresenta o processo de fragmentação de identidade, quando *subjetividades dissociadas* se relacionam de forma intra e intersubjetiva, além de discutir abordagens psicanalíticas para favorecer a maior integração entre *estados de self*. O artigo *Contratransferência e subjetividade primária do analista: um recorrido pela literatura psicanalítica*, de Idete Zimmerman Bizzi, revisita as múltiplas concepções de contratransferência, com ênfase na subjetividade do analista, para construir o conceito de *subjetividade primária do analista* que, em suas características de *unicidade* e *alteridade*, se diferencia e se articula com o conceito de contratransferência.

Aspectos referentes à vivência intersubjetiva primitiva foram primordialmente introduzidos no pensamento psicanalítico por Sándor Ferenczi. O artigo “*O último Ferenczi*” – *um breve estudo*, de Ana Lucia Monteiro Oliveira, Anette Blaya Luz, Denise Steibel, Maristela Priotto Wenzel e Paulo Berél Sukiennik, apresenta as considerações propostas pelo autor sobre a metapsicologia do trauma e sua possível antecipação técnica e teórica à psicanálise contemporânea no que se refere à contratransferência e à intersubjetividade. Neste caminho, no artigo *Tempo de desespero: disrupção do processo analítico*, Candice Campos, Fernanda Crestana

Renato Moraes Lucas, Ana Cristina Pandolfo

e Luciane Falcão mostram que os traumas primitivos, que permanecem não integrados, introduzem uma intensa destrutividade no campo analítico. Seguindo as contribuições de Ferenczi, o indivíduo traumatizado se identificaria com o objeto que o traumatiza e, agora transferencialmente, ele colocaria o analista *a ocupar de forma passiva e silenciosa o lugar que um dia foi dele* frente ao objeto traumatizante. Tal estruturação transferencial poderá bloquear a capacidade transformadora do analista, conduzindo a um fracasso terapêutico.

Por fim, publicamos *Autoanálise: construindo minha subjetividade*, de Luiz Ernesto Cabral Pellanda. À luz do *paradigma da complexidade*, o autor, *juntando as diferentes dimensões da realidade*, realiza um longo e sensível exercício integrativo dos elementos contribuintes de seu processo de subjetivação e das implicações disto para a sua prática psicanalítica.

Na seção de Temas Diversos, apresentamos o artigo *Dimensões da rejeição de Winnicott à pulsão de morte: agressividade sem ódio, trauma ambiental e regressão curativa*, de Felipe Lyra da Silva e Augusto Peixoto Junior. Os autores discorrem sobre a conhecida rejeição de Winnicott à concepção freudiana de pulsão de morte, que culmina em uma formulação diferenciada de trauma e de relação terapêutica para este autor.

Novamente esperamos que o presente número possa ser apreciado por sua efetiva contribuição ao pensamento analítico dos leitores.

Renato Moraes Lucas
Ana Cristina Pandolfo

Editores-Chefes da *Revista de Psicanálise da SPPA*